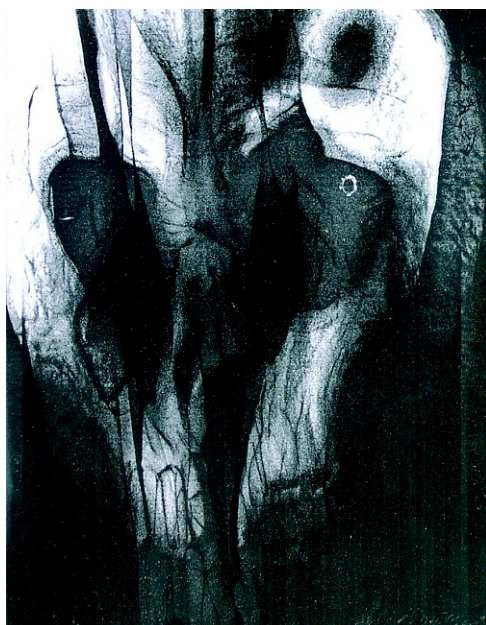


Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
[Coordenação]

Miguel Bombarda ^[1851-1910] e as singularidades de uma época



(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
(Coordenação)

FOLHA DE ROSTO

Miguel Bombarda (1851-1910)
a as singularidades de uma época

Coordenação Científica da Coleção Ciências e Culturas

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por *referees*

Coordenação Editorial

Maria João Padez Ferreira de Castro

Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: impresauc@ci.uc.pt

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de coleções

Design

António Barros

Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

Capa

António Dantas. *Sem título*, 2002. Col. António Barros. Coimbra

Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-8074-11-9

Depósito Legal

.....

Obra publicada com a colaboração de:



Obra publicada com o apoio de:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

© Agosto 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

José Cunha-Oliveira* ; col. Aliete Pedrosa Cunha-Oliveira**

* *Hospital Psiquiátrico do Lorvão, Portugal*

** *Centro de Saúde de Celas, Coimbra, Portugal*

A RELAÇÃO ALIENISTA-ALIENADO NOS INÍCIOS DO SÉCULO XX

Introdução

Os nossos ídolos mortais são ou foram gente como nós, com as suas virtudes e defeitos, contenções e excessos. Ao estudarmos a vida desses nossos ídolos encontramos não apenas uma «*persona*», isto é, uma «*máscara*», um rumo, uma coerência, um projecto, mas sim várias – a mesma variedade, afinal de que todos nós somos feitos – como diria Fernando Pessoa.

Há ídolos mortais desses que devem o culto que lhe prestamos a factos fortuitos, que mais marcaram a ideia que deles fazemos do que a obra que deixaram ou o trajecto que seguiram. Esses ídolos são os heróis, os mártires, os que por acidente ou por destino morreram durante a pendência de uma causa.

Talvez não estivéssemos aqui reunidos se, em 3 de Outubro de 1910, um louco Tenente Aparício, educado pelos Jesuítas, não tivesse posto fim à vida de Miguel Bombarda, então ferrenhamente dedicado à causa da extinção da Companhia de Jesus. Se permanecesse vivo Bombarda após a proclamação da República, acentuar-se-iam, porventura, mais os seus defeitos do que as suas múltiplas qualidades.

Há, deste modo, homens que sobre outros homens têm o mérito particular de terem morrido no momento certo. Três anos antes, e seria Bombarda um simples monárquico de fim-de-regime; três anos depois e teria sido um dos muitos vultos tumultuosos e esquecidos da I República.

I. Em 1848 o Marechal Duque de Saldanha decide retirar os loucos dos pátios de S. Teotónio e de Sta. Eufémia, herdeiros da Casa-das-palhas do Hospital de Todos-os-Santos, colocando-os em Rilhafoles, onde constituiu um manicómio, atribuindo a direcção a Francisco Pulido – o qual, aliás, lhe traria um período de esplendor, seguido, sob as direcções subsequentes, de uma progressiva deterioração e de uma deplorável mortalidade interna (1) (2).

Ao fim de 44 anos, os doentes estavam já em celas insalubres, os sexos misturados, as condições higiénicas deploráveis, o estado do edifício ruinoso. Para cúmulo, o que lá se fazia estava longe de poder chamar-se tratamento, permanecendo uma parte importante dos doentes amarrados, e a maioria deles nem acesso tinha a qualquer médico durante anos e anos (3).

Havia mesmo enfermarias que, em pleno dia e quando o sol brilhava intensamente, era necessário andar com luzes para passar a visita de maneira que os doentes se vissem (4).

A célebre enfermaria dos «*imundos*», pelo seu próprio nome se adivinha, albergava os chamados doentes com «*gatismo*», ou seja, pobres seres humanos quase destituídos de funções intelectuais (5).

Atraído pelas ciências que relacionava com o cérebro, futuro alienista auto-didacta, Miguel Bombarda frequentou diária e voluntariamente estas instalações, reunindo, durante anos, os dados para o seu estudo das doenças mentais.

Nomeado director de Rilhafoles em 1892 e prévio conhecedor do estabelecimento e dos seus serviços, logo se abalançou a reformá-los, sendo, a um tempo, o arquitecto, o higienista, o director e o clínico do manicómio que viria a ter o seu nome (6).

Com a sua rara actividade e aptidões de trabalho, empenhava-se o dia todo em dirigir as obras e os serviços de Secretaria e supervisionando a forma como eram assistidos os internados (7).

Transformou o edifício, abateu as paredes das antigas celas conventuais e fez delas enfermarias amplas. Mandou construir novos pavilhões e uma cozinha. Melhorou o balneário e a partir dele introduziu a balneoterapia. Separou os sexos e pôs termo ao meios de contenção tão empregados na época. Ocupou os doentes, criando pela primeira vez entre nós a categoria dos doentes-trabalhadores, antecipando, desse modo, a noção de ergoterapia (8).

Além disso, elaborou o Regulamento Interno, que veio dar ao tratamento dos doentes uma regularidade e assistência dignas de registo, fazendo-se todo o serviço sem atropelos e com todo o carinho (9).

A «*cadeira forte*» desapareceu e, em 1910, os coletes-de-forças, já se utilizavam apenas enquanto os doentes permanecessem agitados, sendo retirados logo que os doentes entrassem em período de calma (10).

Como director fez sempre questão de manter a ordem e a disciplina, mas, no meio de todo o seu autoritarismo no serviço, Bombarda era tido como de uma bondade admirável para com os pobres alienados (11).

Regularmente e em dias certos, fazia a observação muito rigorosa dos doentes entrados, de modo que, findo o período regulamentar, estava habilitado a formular diagnósticos seguros sobre o estado mental de um novo doente (12).

Com o seu olhar profundo e penetrante observava e interrogava os doentes no seu gabinete, a frase concisa e rápida, não deixando de esmiuçar a mais pequena minúcia, tudo lhe servindo para fazer o diagnóstico: o aspecto do doente, a maneira de responder, o menor gesto, as lágrimas, o entusiasmo, a lentidão do discurso, etc. (13).

Embora um pouco distante, era um homem afável e profundamente interessado em cada novo caso que estudava. A sua orientação organicista transparecia na semiologia corrente que empregava. Preocupava-se muito com os caracteres morfológicos, dando grande importância às alterações somáticas coexistentes, e iniciou a pesquisa de dados laboratoriais. Tinha uma fé total nas possibilidades do estudo anatómico do cérebro para explicar a génese das alterações psíquicas (14), posição de que tirou o máximo partido na célebre questão de Josefa Greno, independentemente de hoje se poder questionar qual a relação entre as lesões cerebrais da pintora espanhola e os motivos que a levaram a matar o marido.

Sendo antes de mais cirurgião, fisiologista e histologista, Bombarda chamou Mark Athias para com ele instalar e pôr em funcionamento um laboratório em Rilhafoles, no qual se executavam preparações para as aulas e se fazia investigação na área da histologia, prosseguindo um conjunto de pesquisas que depois eram publicadas em revistas nacionais e estrangeiras ou em dissertações várias. Contra a sua vontade, esse laboratório fecharia três anos depois (15).

Vivia-se, então, uma época de grande incerteza política e de fermentação revolucionária em que quase nada se podia fazer, mas a energia e o entusiasmo de Bombarda passava por cima de tudo e contagiava os que privavam com ele (16).

Como director e alienista do Manicómio de Rilhafoles, Bombarda foi por três vezes agredido por doentes seus, a última das quais pôs termo à sua vida.

Vale a pena descrever aqui a história do Tenente Aparício Rebello dos Santos, católico, monárquico e antigo aluno dos padres jesuítas, autor dos disparos que conduziram à morte do alienista, aliás já de si de uma saúde mais do que precária, apesar da sua inesgotável energia. Não fôra essa precariedade de saúde, bem patente na autópsia a que foi submetido, e não seriam as balas do tenente que o teriam feito cair para sempre nas vésperas do 5 de Outubro de 1910 (17).

Aparício Rebello dos Santos fez os preparatórios liceais com distinção e seguiu a carreira das armas, alcançando o posto de tenente, concluindo o curso de Estado Maior em 1908, com 30 anos de idade.

Um pouco antes, para uns, um pouco depois, para outros, de obter o diploma final, começa a dar alguns indícios de loucura, agravando-se a sua situação a pouco e pouco. É internado em Rilhafoles (18).

Nove meses depois – e não deixará de ser estranho –, o pai do tenente dirige-se ao Gabinete de Bombarda exigindo a alta do filho, no intuito de o submeter à observação e ao tratamento por sumidades da psiquiatria francesa. Contrariado, Bombarda dá a alta exigida, sendo, meses depois, informado de que o tenente, agora com 32 anos de idade, tinha regressado e estava curado com *restitutio ad integrum* (19).

Ao que se diz, Aparício dos Santos teria começado, por volta de 1906, a apresentar ideias de perseguição, seguidas, mais tarde, de um intenso sentido de influência com exuberantes fenómenos alucinatorios.

Internado em Rilhafoles, como acabamos de ver, as suas alucinações e os seus delírios fizeram-no «descobrir» a entidade que, afinal, o perseguia: o «Hospital» – entidade abstracta, de poderio imenso, de onde ele já não procurava um meio de sair incólume, mas, ao menos, vivo. O «Hospital» falava-lhe, sabia e repetia o que ele pensava, marcava as atitudes de todos os que o rodeavam, tecia à sua volta uma teia imensa e invisível (20).

Quando exigida a alta por seu pai vai para Paris, depara-se com a prova de como era imenso o poder do «Hospital». Uma madrugada, estando encolhido junto às paredes de uma das áleas, tenta iludir a implacável observação do «Hospital». Ouviu os varredores, falando português, referindo-se a ele próprio e aos factos de que era vítima. O perseguido, o fugitivo miserável, ergue-se então ante o perseguidor e busca maneira de retribuir o mal que lhe fazem, tornando-se perseguido-perseguidor.

Trabalha incessantemente na forma de destruir o «Hospital», vasto, imenso, de pedra e cal, inacessível às forças vingativas de um mero ser humano. Surge-lhe então a ideia de atingir o «Hospital» – como estão a imaginar, era o Manicómio de Rilhafoles –,

não na sua estrutura física, material, *anatômica* – digamos –, mas na sua «*alma*», na sua «*direcção*», isto é, Miguel Bombarda. Tem, uma ou outra vez, hesitações sobre a legitimidade do seu intento, mas o turbilhão de forças que se move no interior do seu espírito põe-no perante a necessidade premente de uma libertação que só é possível com o fim de Bombarda (21).

Às 11,00 horas da manhã de 3 de Outubro de 1910, um amanuense vem trazer ao Gabinete de Bombarda um cartão-de-visita, informando o director de que, na sala contígua, um visitante aguardava o momento de ser recebido. E Bombarda leu no cartão: «*Aparício Rebello dos Santos*» (22).

«*Não lhe façam mal que é um louco!*» – disse Bombarda, ao mesmo tempo que, gravemente ferido, teve ainda tempo de ditar o internamento do Tenente Aparício.

Aparício Rebello dos Santos esteve internado até à sua morte, em 1943, provocada por uma neoplasia maligna. Os alienados militares que se encontravam recolhidos em asilos foram, entretanto, transferidos para a Casa de Saúde do Telhal, da Ordem de S. João de Deus. Com o decorrer dos anos foi-se esbatendo a actividade delirante do Tenente Aparício, a qual já era pouco notória quando foi transferido para o Telhal. Mais tarde desapareceu por completo, podendo mesmo, nos últimos anos da sua vida, falar-se de cura completa com *restitutio ad integrum*, isto é, sem qualquer défice intelectual ou modificação da personalidade que denunciasses tudo o que se havia passado para trás. Só no mundo, Aparício pediu que o deixassem permanecer no Telhal, onde gozou de relativa liberdade, grato aos cuidados que com ele tinham os irmãos.

Voltaremos, mais adiante, às relações menos visíveis entre estes dois homens, um o alienista (fruto do *Progresso*), o outro o alienado (fruto da *Degenerescência*).

II. Miguel Augusto Bombarda nasceu no Rio de Janeiro a 6 de Março de 1851, filho de António Pedro Bombarda e de Maria Teresa Correia d'Andrade, 28 anos após D. Pedro, filho de D. João VI, ter posto fim ao Reino Unido do Brasil e de Portugal, Reino Unido esse em que, na época, Portugal pouco ou nada mais era do que um mero Protectorado Britânico, entregue a uma Junta Governativa chefiada pelo Marechal Beresford – o mesmo que mandou enforcar, em Outubro de 1817, no Forte de S. Julião da Barra, o General Gomes Freire de Andrade, que não morria de amores pela «*protecção*» inglesa. É desse tempo que chegou até aos dias de hoje a impagável expressão portuguesa «*para inglês ver*».

Para António Pedro Bombarda, porém, dar ao filho o nome de «*Miguel*» era uma forma de repudiar o «*Grito do Ipiranga*», e de marcar a sua firme opção pelo Príncipe D. Miguel e pelos ideais conservadores (23) (24).

Miguel Bombarda foi, deste modo, criado no culto pelo ídolo do absolutismo, tendo, até 1877, sido um acérrimo defensor das ideias miguelistas e católicas, tradicionalista e legitimista fervoroso. Mesmo nos últimos tempos da sua vida, só com respeito se referia ao Sr. D. Miguel (25).

Opta pela nacionalidade portuguesa aos 18 anos, tendo sido irmão de uma Confraria Religiosa e traduzido um romance de cariz religioso e moralista do padre francês Guérinet (26) (27).

A sua tardia opção pela República não deixa de surpreender todos os que sabiam como fora recebido em audiência privada, a 26 de Dezembro de 1894, pelos Reis D. Carlos e D. Amélia, de onde saíra «*muito cativado pela amabilidade de suas magestades*»;

e surpreende ainda todos aqueles que o viram entrar na política activa em 1908, como deputado por Aveiro, no Partido Monárquico, pela mão do então Presidente do Conselho, Almirante Ferreira do Amaral (28). Demitido o Governo e liberto da sua lealdade, filia-se no Partido Republicano, voltando a ser eleito deputado, nas eleições de Agosto de 1910 (29). Num e noutro Partido, move-o o mesmo ideário e o mesmo objectivo: o anti-clericalismo e, acima de tudo, o seu anti-jesuitismo.

Com esse ideário e com esse objectivo mobilizou uma campanha terrível que pôs à vista de todos o seu carácter de propagandista incendiário, de organizador exímio, de populista nato, que tem o seu momento de glória na imponente manifestação anti-jesuítica de Lisboa, de 2 de Agosto de 1909, promovida pela Junta Liberal, que fundara em 1901 e à qual presidia. Do Terreiro do Paço ao edifício das Cortes, a manifestação correu a entregar um pedido de restabelecimento da legislação que proibisse a existência de Congregações Religiosas, especialmente os Jesuítas.

Ferido deste espantoso ódio, firme, sereno e inquebrantável contra o jesuitismo, dizia Bombarda, membro do Directório Republicano, em 2 de Outubro de 1910: «Principalmente proclamada que seja a República, há que fechar sem demora Campolide e S. Fiel. Destes dois cóios se pode dizer que tem saído o germe mais pernicioso da sociedade portuguesa nos últimos vinte anos. O clericalismo, eis o inimigo!» (30).

No dia seguinte, às 11,00 horas da manhã, era atingido pela Browning do Tenente Aparício louco, antigo aluno dos Colégios Jesuítas. Depois de operado pelo Professo Francisco Gentil, o nosso alienista falecia às 6,00 da tarde do mesmo dia.

«A que série infinda de suspeitas – diz Luis Dérouet –, de acusações fundamentadas e de romances seriamente arquitectados se não presta, afinal, o desaparecimento do Dr. Miguel Bombarda, às mãos de um homem de tendências manifestamente religiosas, conservador estreme, no instante histórico em que a Revolução o ia colocar, por direito de conquista, na primeira plana da República?!...» (31).

Toda esta história que se vem esforçando por contar remonta às suas famosas Conferências de Maio de 1877, subordinadas ao título «*Os Neurones e a Vida Psíquica*», e ao livro «*A Consciência e o Livre Arbítrio*» publicado no ano seguinte. Como diz Evaristo Franco (32), Miguel Bombarda fez naquelas Conferências «afirmações arrojadas que originaram a mais violenta polémica dos fins do séc. XIX. Terminou esses memoráveis discursos com estas palavras, a que faltava o tempero da lógica: «O Neurone move-se, e, porque se move, pensa e sente». «Entrou, assim, no terreno escorregadio da discussão religiosa, levando calçados os patins da filosofia, mas esquecendo o bordão filosófico, sem o qual iria fatalmente cair» (33). «A paixão levou-o a afirmações tremendas: ‘a alma é uma pura fantasia’».

Vem à liça Emídio Navarro, mas falta-lhe a couraça científica para aguentar os golpes de Bombarda. Surge então o vulto esguio do «Padre Sábio», Manuel Fernandes Sant’Ana, do Colégio Jesuíta de Campolide, que arrasa Miguel Bombarda em dois livros. «Felicita» Bombarda por ter escolhido Ernst Haeckel para seu patriarca e padrinho, dizendo: «Uma obra repleta de extravagância a ninguém podia ser melhor consagrada que ao patriarca dos doidos científicos, ao ideal mais belo do materialismo germânico». E descendo ao âmago do problema, Sant’Ana desfere o golpe imperdoável: «A Terra move-se, porque se move, pensa e sente. Move-se também o carro, portanto sente, portanto pensa!!!» (34).

Miguel Bombarda tinha um carácter profundamente vingativo e intolerante, mesmo para com pequenas partidas e graçolas de estudantes, não sendo particularmente dotado de sentido de humor. Que o digam os seus alunos, que o diga quem lhe mereceu ficar na sua memória de elefante. Nunca perdoou uma desfeita.

Na falta de preparação filosófica ou de um verdadeiro espírito crítico, no dizer de Celestino Costa (35), Bombarda esquivava-se à discussão que provocara mudando de registo. Passa das aulas de Ciência para o ataque político, directo e fulminante, ao Jesuitismo: «eu não vou responder ao fluxo que jorra da coroa de um padre; vou apenas esmiuçar o que há dentro deste reverendo, cuja humildade sacerdotal esguicha em bordeleiras provocações, e de caminho escancarar às multidões esquecidas o que se esconde sob esta honrada capa do jesuitismo, em que, mais uma vez, andam a querer embrulhar os povos e os reis» (36).

Era, no dizer de Júlio Dantas (37), um «desses homens fortes que não inspiram simpatia mas que irradiam confiança, que não criam amigos mas que têm o perigoso poder de congregar os outros em volta de si».

III. É quase impossível estudar em minúcia o «alienista» Miguel Bombarda e o seu pensamento mecanicista, sem ter constantemente a pairar à nossa volta o «alienista» Egas Moniz e a sua idêntica forma de pensar.

Nascido 23 anos depois de Miguel Bombarda, Egas Moniz sobreviveu-lhe porém 45. E isso se deve tão somente ao facto de, tendo Bombarda sucumbido à Browning do «alienado» Tenente Aparício Rebello de Sousa, a 3 de Outubro de 1910, Egas Moniz ter sobrevivido ao revólver do «alienado» Engenheiro Silvicultor Gabriel Goldegol de Oliveira Santos, em 14 de Março de 1939.

As posições de ambos os «alienistas» a respeito dos neurónios, dos trajectos nervosos e suas articulações, dos reflexos, das funções vicariantes do cérebro são praticamente sobreponíveis. Ambos repousam em Ramón y Cajal o que julgavam ser os alicerces da «Máquina Pensante» (38). Aliás, a dívida de Egas Moniz para com as teses de Bombarda é indiscutível (39) (40).

E – facto espantoso! – encontra-se em Miguel Bombarda a transição que procurámos entre os estudos arqueológicos, históricos e etno-antropológicos de Leite de Vasconcellos a respeito das trepanações (41) e a fundamentação da lobotomia pré-frontal de Egas Moniz. Quer nas «Licções de Psychiatria», publicadas postumamente, quer em «A Consciência e o Livre Arbitrio», Bombarda atribui indicação terapêutica às trepanações para um conjunto de situações muito diversas, ora incluídas no seu conceito muito vasto de «epilepsia», ora em certos casos de traumatismos cerebrais (42).

Miguel Bombarda conhecia «experiências de extirpação parcial do cérebro», as quais, no seu entender, «conduzem a observações muito curiosas» (43). E, além disso, escreveu que «no homem, lesões do cérebro produzidas por traumatismo, as quais evidentemente se podem considerar com experiências de laboratório, determinam modificações psíquicas notáveis, particularmente do lado do carácter. As alterações intelectuais nesses casos não são de tão nítida observação, por grande número de motivos; há um facto que deve muito atenuar os efeitos da lesão e é a vicariação dos elementos cerebrais; está efectivamente demonstrando para os animais que zonas do cérebro se podem substituir umas às outras, o que é de todo o ponto inteligível à luz da mobilidade dos neurones» (44).

«Seja como for – prossegue – o que é um facto comum de observação em tais casos é que, depois do traumatismo, o carácter muda completamente: o doente, até então pacífico, dócil, trabalhador, torna-se brutal e todos os seus actos aparecem impregnados de malevolência e de falta de consideração ou respeito pelos outros. A forma de loucura moral, que então se desenvolve, e que em algum caso o trépano tem conseguido remediar, dá-nos a ideia de que muitas vezes a origem de estudos nervosos com carácter pervertido está em lesões cranianas durante o desenvolvimento cerebral – no período de vida intra-uterina ou fora dela» (45).

Ambos materialistas monistas, e provenientes de uma juventude católica e conservadora, viam nos meandros do que entendiam por funcionamento e estrutura dos neurónios a chave última do acesso à vida psíquica. Eram ambos o produto de um século magistralmente definido por Celestino da Costa (46): «os verdadeiros limites desse século não devem ser os que a cronologia aponta, mas sim outros que entre si deixam ficar o período bem caracterizado da história. O princípio desse século deve marcar-se nesse ano de 1815 em que a paz geral, fechando um ciclo formidável de revoluções e de guerras, abre, com as portas do Templo de Jano, as de uma nova Era, em que uma sociedade nova, movendo-se sobe novas luzes, vive diferentemente dos seus antecessores, não parecendo «continuar» mas sim «recomeçar» a história humana. O seu termo está neste sinistro dia de Agosto de 1914, em que os grandes povos da Europa se lançaram uns sobre os outros, com doloroso pasmo deles próprios e dos outros, pois a evolução das ideias radicava em quase todos a noção ilusória da impossibilidade da guerra. Entre uma e outra data está o verdadeiro século XIX» (47).

«O século XIX é o da religião da humanidade, da filosofia positivista, do conceito monista, da moral científica. E os mitos filosóficos e políticos, sucessivamente o parlamentarismo, a república, o socialismo, o sindicalismo, o comunismo, caracterizam uma época – que uns denominam de grande século e outros apodam de século estúpido, conforme a ideia que têm da ideologia do décimo nono» (48).

Nisso foi Miguel Bombarda, mais do que Egas Moniz, um verdadeiro homem do seu tempo. Para ele, «a consciência é universal, porque universal é a força, é o movimento, é a vibração. A consciência psíquica não é senão a consciência dos átomos. E a concepção monista do universo, a mais grandiosa até onde se tenha levantado o génio do homem, a mais fecunda e até consoladora para os corações sedentos de crença e de fé. Hoje, com efeito, o monismo é uma religião» (49). A falta de cuidados pré-natais e de vigilância materno-infantil e pediátrica, a vida insalubre das sociedades sacudidas pela Revolução Industrial, a enorme incidência de alcoolismo, de sífilis e de múltiplas e variadas causas de infecção e de acidentes pessoais no século XIX, fizeram desenvolver a desconcertante noção de «degenerescência» em espíritos defensores da ideia de «evolução» e de «progresso». Afinal, havia uns seres humanos – nos quais se contavam os «alienistas» – em que essa «evolução» e esse «progresso» davam fruto; e havia outros – nos quais se contavam os «alienados» – a quem tinha cabido em sorte a tarefa humilhante de «degenerar». «É preciso que fique bem claro – dizia Bombarda – que as degenerescências são um facto adquirido, que os filhos de pais tarados são igualmente tarados, qualquer que seja a forma por que esta tara se manifesta – loucura, epilepsia, idiotismo, criminalidade» (50).

Já falamos dos atentados de «alienados» contra Miguel Bombarda e Egas Moniz. Bombarda relata mais dois casos: o do Dr. Geoffroy, director do Asilo de Avignon,

apunhalado por um «epiléptico» com uma tesoura laboriosamente afiada, até que conseguiu falar um dia, no corredor, com o director; e o Dr. Kéralval, esfaqueado por um «epiléptico» com uma velha faca há muito preparada para o efeito (51). Sendo o conceito de «epilepsia» muito difuso em Bombarda, este rótulo vale hoje o que valer.

Esta revelação fê-la Bombarda aos seus alunos, como sempre na presença de doentes que lhe serviam de ilustração. Não fosse o diabo tecê-las, não falou em português: «Os senhores compreenderão bem – justificou ele – a razão por que disso isto em idioma estrangeiro, pois estando rodeado de doentes, não estou para dar corda para me enforcar» (52).

Mas não só os «alienados» – pertencentes à Espécie dos «degenerados», descoberta por Lombroso – instilavam esta insegurança nos «alienistas» – pertencentes à Espécie dos «evoluídos», descoberta pelas muitas correntes filosóficas materialistas da época. Entre ambos intrometia-se muitas vezes a Imprensa e mesmo as Editoras, que, segundo Bombarda, interferiam nas decisões e avaliações dos «alienistas», sendo «muito frequentes as contestações entre a Imprensa e estes sobre o estado de loucura ou de saúde mental» (53).

O mesmo se passava com certas pessoas tidas como «alienadas». «É ver a insistência – dizia ele – com que alguns alienados se revoltam contra a ideia de os considerarem loucos e despendem prolixa argumentação em contrário» (54). Afinal, a mesma «prolixa argumentação» com que, por vezes, os «alienistas» procuravam provar que alguém era «doido»...

Vem aqui, à vol d'oiseu, a longa polémica que envolveu, de 1918 a 1929, a esposa do Dr. Alfredo da Cunha, então director do «Diário de Notícias», na qual, sem grande honra nem prestígio, mergulharam «alienistas» de primeiro plano, como Magalhães Lemos, Júlio de Matos, Sobral Cid e Egas Moniz.

Um belo dia, D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, então já passada dos quarenta, tomou-se de amores pelo seu jovem «chauffeur» Manuel – um caso apaixonado que a fez abandonar o lar em 13 de Novembro de 1918, para tratar do seu amante, caído de cama entre a vida e a morte, vítima da febre pneumónica. O «chauffeur» restabeleceu-se e propôs à patroa que fossem viver para Santa Comba Dão, de onde era oriunda a família materna da senhora.

Desaparecida a mulher, o Dr. Alfredo publicou anúncios, aos quais ela respondeu que estava viva e bem viva, querendo, embora, ser considerada morta para todos os efeitos (55).

Em vez de lhe mover acção de divórcio, terminando aí o problema, o marido desloca-se a Santa Comba, na companhia de um polícia, levando-a para o Porto, onde a fechou três dias num quarto de Hotel. Munido de atestado de dois médicos que, segundo se diz, nem sequer a viram, fê-la «sequestrar» no Hospital Conde Ferreira.

Ajudada pelo «chauffeur», com quem conseguira manter correspondência, D. Adelaide evade-se, dois meses depois, do Hospital, indo ambos viver para junto da Serra da Gralheira. Passada a contra-ofensiva monárquica de 1919, e contra todas as disposições regulamentares internas, D. Adelaide é de novo internada no Hospital Conde Ferreira; e ao «chauffeur» é movido um processo-crime por acusação de rapto, violação e cárcere privado.

Este comportamento bizarro do marido parecia movido pelo intuito de evitar um divórcio que, a consumir-se, implicaria ter de dar à mulher metade da fortuna comum. Move-lhe, em vez disso, um longo e tortuoso processo de interdição, vendendo entretanto o «Diário de Notícias» por 1500 contos, ao valor da época, sem lhe dar quaisquer satisfações.

Por ordem do Ministro do Interior, o Governador Civil do Porto mandou libertar Maria Adelaide. O marido obtém uma contra-ordem, mas Adelaide Coelho já estava a salvo, embora forçada a viver na clandestinidade (56).

De que «doença» sofria, afinal, D. Maria Adelaide Coelho da Cunha?

Para Júlio de Matos e Sobral Cid, da «doença» de ser impróprio da idade dela deixar-se possuir pelo sentimento de amor; para Egas Moniz, da «doença» de se terem operado nela grandes transformações, como ter deixado de frequentar a sociedade, de ter deixado de usar as suas melhores «*toilettes*» e as suas melhores jóias; segundo Magalhães Lemos, sofria de debilidade mental por ter deixado as suas jóias e «*toilettes*» e ter passado a preferir vestidos muito modestos, razão pela qual se mostrava incapaz de reger a sua pessoa e bens (57).

Com fina ironia e senhora de grande erudição, conta-nos D. Maria Adelaide Coelho: «No dia 6 de Junho [de 1919], pouco antes das 6 da tarde, recebi ordem para ir ao Gabinete do Director. Ao chegar ali, o Dr. José Magalhães disse-me:

- Sr^a D. Maria Adelaide, creio que encontre aqui pessoas conhecidas;
- V^a Exc^a faz favor, apresenta-mas.
- O Sr. Dr. Júlio de Matos, o Sr. Dr. Egas Moniz e o Sr. Dr. Sobral Cid.

Trocámos os apertos de mãos da praxe, sentámo-nos, estando também presente o Dr. Lemos, apenas para fazer número, pois que, infelizmente para este senhor, em virtude da sua surdez, só falando-lhe de perto e muito alto pode ouvir. Eram portanto cinco. Devia ser assim o Tribunal da Santa Inquisição!» (58).

Começava assim o processo de interdição de Maria Adelaide Coelho da Cunha, do qual, como ela própria o disse, «pelo sistema adoptado pelo Dr. Alfredo da Cunha, tudo se prova, é uma questão de preço» (59).

E assim terminou, naqueles tempos, uma história de uma mulher só, que tinha um «*chauffeur*» privativo. O seu *distante* marido esqueceu-se da dupla semântica da palavra francesa, que tanto pode querer significar «o *motorista*, o *condutor privativo*», como pode significar «o *encarregado de acender a fornalha... e mantê-la acesa*»... (60).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DIOGO FURTADO – «Miguel Bombarda». In: Separata do «*Jornal do Médico*», XIX (470), 201-207, 1952, p. 18.
2. DANTAS, Júlio – «Primeira Conferência do Ciclo Comemorativo do Centenário do Hospital Miguel Bombarda». In: «*A Medicina Contemporânea – Jornal Português de Ciências Médicas* (número especial de homenagem a Miguel Augusto Bombarda)», Ano LXX – nº 3, Lisboa, Março de 1952, p. 429.
3. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 18.
4. BEIRÃO, Caetano – «II - O *psychiatra*». In: «*A Medicina Contemporânea – Hebdomadário Portuguez de Ciências Médicas*», Anno XXVIII – nº 41, Serie II, Tomo XIII, 16 de Outubro –1910, p. 324.

5. *Idem, Ibidem.*
6. *Idem, Ibidem.*
7. *Idem, Ibidem.*
8. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 18.
9. BEIRÃO, Caetano. *Ob. Cit.*, p. 324.
10. *Idem, Ibidem.*
11. *Idem, Ibidem.*
12. *Idem, Ibidem.*
13. *Idem, Ibidem.*
14. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 19.
15. ATHIAS, M. – «I – O Professor». *In: «A Medicina Contemporanea – Hebdomadario Portuguez de Sciencias Medicas»*, Anno XXVIII – nº 41, Serie II, Tomo XIII, 16 de Outubro – 1910, p. 323.
16. *Idem, Ibidem.*
17. PINTO DE MAGALHÃES - «IV – Notas d'um amigo – A autopsia». *In: «A Medicina Contemporanea – Hebdomadario Portuguez de Sciencias Medicas»*, Anno XXVIII – nº 41, Serie II, Tomo XIII, 16 de Outubro - 1910, p. 328-329.
18. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 6.
19. *Idem, Ibidem*, p 8.
20. *Idem, Ibidem*, p. 6-8.
21. *Idem, Ibidem*, p. 7.
22. FRANCO, Evaristo. «Glórias da Medicina Portuguesa», União Gráfica, Lisboa, s/d., p. 375.
23. FRANCO, Evaristo. *Ob. Cit.*, p. 356
24. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 10.
25. CELESTINO DA COSTA, A. «Miguel Bombarda». *In: «Médicos Portugueses – Revista Bio-Bibliográfica»*, Vol. I, nº 4, Agosto de 1927 («Miguel Bombarda»), Lisboa, p. 125.
26. FRANCO, Evaristo. *Ob. Cit.*, p. 357.
27. DIOGO FURTADO - *Ob. Cit.*, p. 10.
28. FERRÃO, Carlos. «Miguel Bombarda – o homem e o político», Actas do VII Congresso Mundial de Psiquiatria Social, s/d , Lisboa, p. 18.
29. *Idem, Ibidem*, p. 19.
30. DEROUET, Luís. «O DR. MIGUEL BOMBARDA a vinte e quatro horas da morte». *In: «Médicos Portugueses – Revista Bio-Bibliográfica»*, Vol. I – nº 4, Agosto de 1927 («Miguel Bombarda»), Lisboa, p. 149.
31. *Idem, Ibidem.*
32. FRANCO, Evaristo. *Ob. Cit.*, p. 361.
33. *Idem, Ibidem*, p. 361-362.
34. *Idem, Ibidem*, p. 364.
35. *Idem, Ibidem*, p. 365.
36. *Idem, Ibidem.*
37. DANTAS, Júlio. *Ob. Cit.*, p. 429.
38. BOMBARDA, Miguel. «A Consciencia e o LIVRE ARBITRIO», Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa, 1898, p. 257-275.
39. BOMBARDA, Miguel. «Licções de Psychiatria – livro postumo, ornado de interessantes fotografias», Empreza de Publicações Populares, Lisboa, 1916, p. 46-47.
40. BOMBARDA, Miguel. «A Consciencia e o LIVRE ARBITRIO» , Livraria de Antonio Maria Pereira , Lisboa, 1898, p. 46.
41. CUNHA-OLIVEIRA, José e PEDROSA, Aliete. «Quando da etherea gavea hum marinheiro». *In: «EGAS MONIZ em livre exame»*, org. dos Prof. Doutores Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, Editor. Minerva Coimbra, 2000, p. 182-186.
42. BOMBARDA, Miguel. «Licções de Psychiatria – livro postumo, ornado de interessantes fotografias», Empreza de Publicações Populares, Lisboa, 1916, p. 34, 46-47, 76-77.
43. BOMBARDA, Miguel. «A Consciencia e o LIVRE ARBITRIO», Livraria Antonio Maria Pereira, p. 200-201.
44. BOMBARDA, Miguel. *Ob. Cit.*, p. 201.
45. BOMBARDA, Miguel. *Ob. Cit.*, p. 200-201.
46. CELESTINO DA COSTA, A. , *Ob. Cit.*, p. 123.
47. *Idem, Ibidem.*
48. *Idem, Ibidem*, p. 124.

49. BOMBARDA, Miguel. *Ob. Cit.*, p. 54.
50. *Idem, Ibidem*, p. 67.
51. BOMBARDA, Miguel. «Licções de Psychiatria – livro postumo, ornado de interessantes fotografias», Empresa de Publicações Populares, Lisboa, 1916, p. 14.
52. BOMBARDA, Miguel. *Ob. Cit.*, p. 14-15.
53. BOMBARDA, Miguel. «O Delírio do Ciúme», Ulmeiro, Lisboa, 2001, p. 21.
54. *Idem, Ibidem*, p. 65.
55. CUNHA, M.A.C. «Doida não!», 2ª Ed., Tipografia Fonseca, Pôrto – 1920, p. 226.
56. LUCAS, Bernardo. «Prefácio». *In*: CUNHA, M.A.C. «Doida não!», 2ª Ed., Tipografia Fonseca, Pôrto – 1920, p. xv.
57. CUNHA, M.A.C., *Ob. Cit.*, p. 77-79.
58. *Idem, Ibidem*, p. 74.
59. *Idem, Ibidem*, p. 160.
60. LE ROBERT MICROPOCHE, «Dictionnaire de la Langue Française», Paris XIII^{ème}, Réimpression, septembre, 1994.

BIBLIOGRAFIA

1. A. A. Vários (1910), Miguel Bombarda, *in* A Medicina Contemporânea – Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas. Ano XXVIII, nº 41, Série II, Tomo XIII, 16 de Outubro de 1910, pp. 322-330.
2. A. A. Vários (1911), Miguel Bombarda, *in* Almanach d'A Lucta. s/l, pp. 139-149.
3. BOMBARDA, M. (1898), A Consciência e o Livre Arbítrio. Livraria António Maria Pereira – Editor, Lisboa.
4. BOMBARDA, M. (1916), Licções de Psychiatria – Livro Póstumo, ornado de interessantes fotografias. Empresa de Publicações Populares, Lisboa.
5. BOMBARDA, M. (2001), O Delírio do Ciúme. Ulmeiro, Lisboa.
6. COELHO, M. A. (1923), Doida Não e Não! – Colecção das cartas publicadas no Jornal A CAPITAL (com aditamentos), Tipografia de A Intermediária Lda, Porto.
7. CUNHA, M.A.C. (1920²), Doida Não! – Documentação Psicológica e Jurídica (Prefácio e notas do adv. Bernardo Lucas, antigo deputado da Nação), Tipografia Fonseca, Porto.
8. Cunha-Oliveira, J.A. e PEDROSA, A. (2000), Quando da Etherea Gavea hum Marinheiro, *in* Egas Moniz em Livre Exame (org. de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita), Livraria Minerva, Coimbra, pp. 175-219.
9. DANTAS, J. (1948), Primeira Conferência do Ciclo Comemorativo do Centenário do Hospital Miguel Bombarda, *in* A Medicina Contemporânea – Jornal Português de Ciências Médicas (1948), Ano LXVI, nº 11, Novembro de 1948, Lisboa, pp. 427-432.
10. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (s/d) BOMBARDA (Miguel), p. 1579, Editorial Verbo, Lisboa.
11. FEIO, M. (1920), «Doida Não!» Antes Vítima – As causas do adultério e a psicologia de uma paixão, Livraria Nacional e Estrangeira de Eduardo Tavares Montês, SUC, Porto.
12. FERRÃO, C., Miguel Bombarda o Homem e o Político. Actas do VII Congresso Mundial de Psiquiatria Social, s/d, Lisboa, pp. 18-25.
13. FRANCO, E. (s/d), Glórias da Medicina Portuguesa. União Gráfica, Lisboa, pp. 354-379.
14. FURTADO, D. (1952), Miguel Bombarda, Separata do Jornal do Médico. nº XIX (470), 201-207, Porto, 1952, pp. 4-21.
15. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s/d), Vol IV, pp. 871-872, Bombarda (Miguel Augusto). Editorial Enciclopédia, Lda, Lisboa, Rio de Janeiro.
16. HENRIQUES, L. M. (1966), As Concepções Materialista, Positivista e Evolucionista e a Psiquiatria Portuguesa. Unitas, Coimbra.

17. LE ROBERT MICROPOCHE (1994), Dictionnaire de la LANGUE FRANÇAISE, Paris XIII^{ème}. Organização de Alain Rey, Réimpression de la 2^{ème} Édition.
18. MACHADO DE ASSIS (1993), O Alienista (Nota Introdutória de José Emílio Major Neto). Editora Princípio, Coleção «O Prazer do Texto», nº 6, São Paulo.
19. Médicos Portugueses – Revista Bio-Bibliográfica, vol. 1, nº 4, Agosto de 1927 (1927), Miguel Bombarda, pp. 122-150, Lisboa.
20. Número Especial de Homenagem a Miguel Bombarda, *in* Medicina Contemporânea – Jornal Português de Ciências Médicas, Ano LXX, nº 3, Março de 1952, Lisboa.
21. RAMOS, P. F. (1993), As principais datas da História de Portugal. Publicações Europa-América, Coleção «Apontamentos Europa-América Explicam», nº 80, Mem Martins.
22. SARAIVA, J. H. e GUERRA, M. L. (1998), Diário da História de Portugal, Selecções do Reader's Digest, Madrid.
23. VASCONCELLOS, J. L. (1897), «Trepanação Pré-Histórica e Factos Correlativos», *in* Religiões da Lusitânia, Vol I, Coleção Terras Portuguesas, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1981, reimpressão fac-similada da primeira edição.

•

Resumo – Nos finais do séc. XIX e na primeira metade do séc. XX alguns distintos «alienistas» e teorizadores das doenças psíquicas foram alvo de reacções agressivas e adversas por parte dos então chamados «alienistas» e «alienados» e não raramente suas vítimas mortais.

O presente estudo pretende explorar de que forma as concepções publicamente expostas por esses teorizadores («alienistas»), a forma como encaravam os seus «alienados» e o modo como os expunham à curiosidade de terceiros (alunos e leitores) poderiam ou não ter conduzido a tão trágicos desfechos.

Não esqueçamos que esses tempos foram um período muito conturbado da História Política Nacional e Mundial e, por isso mesmo, atreitos a concepções extremas em que cada uma das partes em presença tornava a parte contrária «paranoíde».

Abstract – From the end of XIX century through middle of XX century some distinguished 'alienists' and psychic illness theoreticians were subject to aggressive and adverse reactions from the so called 'alienated' and often deadly victims.

The current study intends to explore how these theoreticians' recognitions were publicly exposed, how they faced their 'alienateds' and how they exposed them to them to thirdparties' (students, readers) curiosity, which could have driven such accounts.

Moreover, these times were a very moving period of the World and National Political History and insofar people were prone to extremist positions and to take the parts eachothers as 'paranoids'.

(Página deixada propositadamente em branco)

1 Coleção
Ciências e Culturas
Coimbra 2006

